

Agronegócio sustentável amplia mercado

Germano Neto/JP

CRISTIANE BONIN
cristiane@ijournal.com.br

A atuação do engenheiro agrônomo modificou-se com as transformações da atividade rural que culminaram na solidificação do agronegócio sustentável. Na primeira metade do século 20, o profissional era focado no aumento da produção. Hoje, o agrônomo está encaixado em funções nas multinacionais, em pesquisas acadêmicas e laboratoriais, na consultoria de vendas e na assistência no campo. Amanhã, dia 12, é celebrado o Dia Nacional do Engenheiro Agrônomo, data em que a profissão foi regulamentada há 76 anos.

Otto Breitschwerdt, 42, diretor comercial no distrito São Paulo da Caterpillar Brasil, aponta que o trabalho em uma multinacional é repleto de oportunidades. “No meu caso particular, já passei por demonstração de produtos, vendas, pós-vendas e desenvolvimento de novos produtos.”

O executivo da multinacional formou-se em 1989 na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e, para encerrar toda essa trajetória, fez vários cursos nos Estados Unidos. Junto com a bagagem profissional veio a cultural, com oportunidades de conhecer lugares e culturas que jamais imaginou. “A variedade de possibilidades do trabalho faz com que o dia a dia nunca fique monótono.”

A doação ao trabalho tam-

bém acontece no meio acadêmico. José Roberto Postali Parra, 65, é hoje coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Semioquímicos na Agricultura, coordenador adjunto da área de ciências da vida no campo de agronomia da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), membro do comitê assessor na área de agronomia sobre assuntos de entomologia do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Mas para chegar a esse status, ele relata que é preciso muita dedicação. “O emprego na academia mudou após a abertura de cursos de pós-graduação na década de 60. O segmento passou a exigir um pessoal mais qualificado e, hoje, a vida acadêmica só começa para aqueles com mais de 30 anos. É uma profissão extremamente sacrificante, pois demanda atuação nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.”

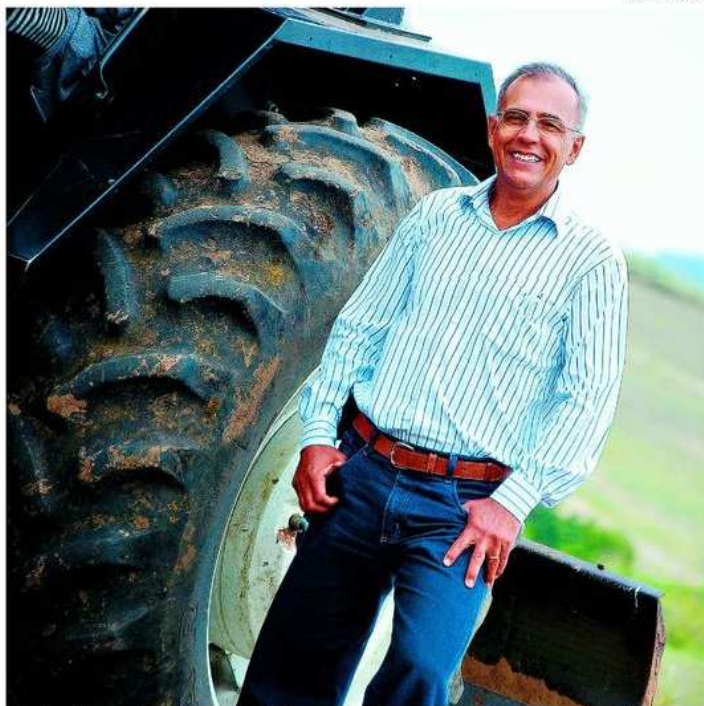
O agrônomo Claudemir Langoni, 50, formado em 1981 pela Esalq, dá assistência no campo e faz consultoria de vendas de herbicidas. Decidiu desde a graduação que queria trabalhar diretamente com a terra, ele partiu para estágios em propriedades rurais, destilarias e usinas de cana-de-açúcar.

“Para trabalhar no campo tem que gostar do contato com a lavoura, e o laboratório do agrônomo é o campo. É na ter-

ra que as coisas acontecem e também é na propriedade rural que temos contato com o homem do campo. Nesta relação, a humildade do agrônomo é importante para sempre aprender com quem vive o dia a dia da terra”, diz Langoni.

As multifacetadas da profissão também chegaram à área ambiental. O agrônomo Ricardo Schmidt, graduado em 1987 também pela Esalq, começou no movimento ambientalista dentro da faculdade e participou da Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92. Hoje presidente da Florespi (Associação de Recuperação Florestal da Bacia do Rio Piracicaba e Região), Schmidt fala da amplitude que tomou o agrônomo na relação com a natureza.

“O processo do agronegócio abriu campo para um trabalho complexo e sustentável. Atualmente, a propriedade deixou de ser somente uma questão agrária para ser enxergada como um todo. A percepção ambiental que permeou a profissão trouxe áreas como uso e conservação do solo e dos recursos hídricos, recuperação da mata ciliar, produção de mudas nativas e zoneamento agroecológico.”



Claudemir Langoni formou-se pela Esalq em 1981: “O campo é o laboratório do agrônomo”

**Atividade
profissional
foi
legalizada
há 76 anos**